

APONTAMENTOS SOBRE O FEMININO NA IDADE MÉDIA GERMANÓFONA À LUZ DA PAREMIOLOGIA

Prof. Dr. Álvaro Alfredo Bragança Júnior (UFRJ)¹

Resumo: a representação do feminino dentro do corpus paremiológico medieval em língua latina em voga no Sacro Império durante os séculos XII a XVI apropria-se de elementos oriundos da cultura clássica, bem como dos papéis sociais – louváveis ou não – atribuídos à mulher, conforme a ótica eclesiástica. Neste artigo tenciona-se encetar uma pequena discussão acerca desses modelos comportamentais do feminino com alguns exemplos, que nos permitem vislumbrar o *locus* social a ela conferido pelo discurso da Igreja.

Palavras-chave: Tipologias do Feminino; Paremiologia Medieval; Língua Latina; Igreja Medieval; Sacro Império.

Abstract: The representation of the feminine within the medieval paremiological corpus in Latin language in vogue in the Holy Empire during the 12th to 16th centuries appropriates elements from classical culture, as well as the social roles - praiseworthy or not - attributed to women, according to the ecclesiastical point of view. In this article we intend to start a short discussion about these behavioral models of the feminine with some examples, which allow us to glimpse the social locus given to her by the Church's discourse.

Keywords: Feminine Typologies; Medieval Paremiology; Latin Language; Medieval Church; Holy Empire.

I. INTRODUÇÃO

Boa parte do *corpus* paremiológico² em latim medieval apresenta a figura feminina de uma forma hoje conceitualmente considerada como misógina. Todavia, convém esclarecer que as parêmiias do medievo, por nós tratadas neste artigo, realmente refletem uma visão de mundo que se queria detentora dos padrões comportamentais ideais para a sociedade da Cristandade Ocidental entre os séculos XII e XV. As expressões paremiológicas, constituídas como exercícios escolares para a aprendizagem de latim por parte dos futuros monges, veiculavam de acordo com a ótica da Igreja as lições morais condizentes aos futuros clérigos. Com referência a este item, é mister salientarmos que o legado moral da Antigüidade Clássica, refundido pelo Cristianismo dogmatizado pela Igreja, juntamente com os preceitos relativos ao cuidado do homem

¹ - Artigo revisto e ampliado a partir do original *Tipologias femininas e alguns traços de misoginia em provérbios sobre a mulher na Idade Média Latina* (cf. Bibliografia).

² - Para uma análise mais completa acerca das fontes manuscritas analisadas pelo autor deste artigo, bem como sua distribuição geográfica cf. BRAGANÇA JÚNIOR (2012).

diante da tentadora descendente de Eva estão presentes em diversos *Libri proverbiorum* do baixo medievo, bem como em personagens femininas mitológicas. A partir de uma análise linguístico-histórica dos provérbios por nós selecionados, procuraremos delinear, sem elocubrações de eruditismo, alguns traços desta misoginia, começaremos pela mitologia romana.

II. A *PERSONA* - VENUS

II. *Bachus et Venus*

Provérbio: **Tesseribus, Bacho, stabili meretricis amore
Qui committit ei, proprio privatur honore.**

Tradução: Quem nos dados, em Baco, no constante amor de uma meretriz incorre, é privado da própria honra.

Se iniciarmos nossos comentários com o deus pagão, atestamos desde o princípio sua associação com o suco fermentado do fruto da videira, o que se refletia nas oferendas feitas pelos seus seguidores. Como afirma Commelin (1906, p. 78), “imolavam-lhe a pega, porque o vinho solta a língua e torna os bebedores indiscretos”. Seus outros nomes também se relacionavam com seu poder sobre o vinho:

Às vezes é chamado *Liber* (Livre), porque o deus do vinho liberta o espírito de qualquer cuidado; *Evan*, porque as suas sacerdotisas, durante as orgias, corriam de todos os lados grita *Evohé*, *Bacche*, termo derivado de uma palavra grega que significa “gritar”, alusão aos gritos das bacantes e dos grandes bebedores. Tem ainda outros sobrenomes provenientes do seu país de origem ou dos efeitos da embriaguez: *Nysoeus*, de Nysa, *Lyaeus*, que afugenta a mágoa. (1906, p.78-79)

Pelo exposto, nota-se, a partir da definição de seus atributos, que o deus Baco e o vinho simbolizam uma união, cujo resultado é expresso basicamente em orgias e descontrole ao falar, derivados da embriaguez, que, segundo a visão eclesiástica medieval, afasta os homens da sobriedade e sapiência indispensáveis ao comportamento de um cristão.

Jogo, bebida e prostitutas são temáticas recorrentes na Idade Média como dignas de sérias reprimendas àqueles que a elas se dedicam. O fascínio exercido pelo jogo, onde sorte e azar convivem lado a lado e levam os homens muitas vezes à completa ruína financeira, sem falar na moral; ao vinho, que desde os antigos era a bebida da verdade, pois *in vino veritas*, entregavam-se os homens sem limites; as mulheres de vida fácil fechavam o ciclo de prazeres mundanos, ofertando-se, em troca de pagamento, àqueles que as procuravam para a fruição da carne. Nos *Carmina Burana*, mais

especificamente, nas canções de taberna, encontramos vários textos, nos quais os dados e o vinho são louvados e o clero satirizado. Citamos o conhecido *Ego sum abbas*

Ego sum abbas Cucaniensis
et consilium meum est cum bibulis
et in secta Decii voluntas mea est,
et qui mane me quesierit in taberna,
post vesperam nudus egredietur
et sic denudatus veste clamabit:
“wafna, wafna!
quid fecisti, sors turpissima!
nostre vite gaudia
abstulisti omnia.”

Tradução:

Eu sou o abade da Cocanha
e meu conclave acontece junto aos bebedores
e minha vontade está na seita de Décio
e quem me buscar de manhã na taberna,
após a tarde sairá nu
e assim nu clamará pela roupa:

“às armas, às armas!
Que fizeste, ó mui torpe sorte!
Arrebataste todas as alegrias
de nossa vida!”

Neste *carmen*, um abade, ou seja, o representante máximo de uma comunidade de eclesiásticos em uma abadia, praticamente transfere sua vida daquela para a taberna, onde celebra, não o mistério da eucaristia, mas sim o milagre de “Santo Décio”, nome invocado pelos quase todos anônimos autores dos *Carmina Burana* como o santo protetor daqueles que bebem. Não satisfeito com o vinho, entrega-se ao jogo e aquele que tentar retirá-lo da mesa, acabará, ele próprio, sentindo “na pele” a tentação dos dados, pois sairá nu, já que tudo, inclusive suas roupas, perderá no jogo.

A partir das considerações acima expostas, acreditamos, pois, que o provérbio em dístico por nós analisado é um veemente ataque àqueles que preferem os prazeres do mundo à santidade de vida, ou seja, referendando um discurso pedagógico de censura que tenciona nortear o mundo de acordo com um ponto de vista espiritual. O elemento mitológico da Antiguidade greco-latina, aqui Baco, não estava imbuído de qualidades e virtudes cristãs, manifestando somente suas características perversoras e nocivas a uma comunidade regulamentada pelas palavras de Cristo. Contra ele, o jogo e a prostituta se ergue a voz moral de fundamento cristão. Seu efeito retórico persuasivo apela

diretamente ao *proprius honos* do censurado, de forma a reconduzi-lo ao Pai com as bênçãos da Igreja.

Como parceira mitológica dos desvios comportamentais de Baco encontra-se Vênus, presente em um outro dístico medieval, em versos *unisoni*: *Raro frigescit Bacho Venus, ipsa calescit; / Litigium vita! tibi res honesta petita.* - “Raramente Vênus esfria com Baco, ela própria se aquece; / Foge da contenda! Tu debes te dirigir para coisas honestas”. Aqui Vênus, simbolizando a beleza do sexo feminino, une-se a Baco, o deus do vinho, aquele que, como anteriormente considerado, desestabiliza o homem através dos efeitos da bebida. Como deusa da beleza, dos prazeres e dos amores, possuía um cinto onde encerrava as graças, os atrativos, o sorriso sedutor, o falar doce, o suspiro mais persuasivo, o silêncio expressivo e a eloquência dos olhos. Essas duas faces do amor personificadas pela deusa – a paixão carnal e o sentimento de vingança – foram realçadas por boa parte dos *litterati* medievais, que viam nelas um fator de desagregação e de distanciamento do elemento masculino da palavra bíblica. Personificada na mulher, Vênus seduziria negativamente os homens, dominando suas mentes com o apelo da carne, assim como Baco faz com o vinho, e os conduziria desta forma para a perdição e danação eternas, pois o paraíso celeste requer o primado do espiritual e, com isso, o domínio sobre o corpo corruptível.

Juntos os dois, o amor de uma mulher e o vinho corrompem e abalam as estruturas do edifício individual do cristão medieval e devido a isso o autor do provérbio, em tom exclamativo, exorta o leitor-ouvinte a se abster de ambos, pois a *res honesta petita* é certamente o cumprimento das palavras de Deus ensinadas pela *mater ecclesia*.

Outra parêmia medieval em forma de dístico vem referendar a influência negativa desses deuses latinos, a menos que haja moderação: *Gaudia sunt vite Venus et Bachus sine lite! / Gaudia non vites animi! semper fuge lites!*, “Venus e Baco sem contendas são as alegrias da vida! / Não evites as alegrias do espírito! Foge sempre das brigas!”. Em versos *collaterales*, com a redução das consoantes geminadas *cc* em *Bacho*, este dístico proverbial transmite-nos uma ideia menos negativa do amor (Vênus) e do vinho (Baco). Se as duas “divindades” forem corretamente, isto é, *sine lite*, “sem contendas” cultuadas, não ferirão o código de conduta do homem medieval. Mesmo assim, o provérbio ainda afirma a supremacia das coisas espirituais sobre os efeitos da carne e do vinho, na medida em que as alegrias do espírito, *gaudia animi*, aqui entendidas como as dádivas do Senhor na vida humana, constituem o principal objetivo do homem, aproximando-o do seu Pai celestial. Por outro lado, as brigas o distanciariam deste

último, Deus do verdadeiro amor, aquele que, consoante a visão clerical do medievo, é infinitamente superior ao sentimento entre homem e mulher.

Destarte, Baco e Vênus nos são apresentados nestes dísticos proverbiais com suas características enebriadoras e terrenamente sedutoras, que destoariam dentro da própria simbologia cristã, onde o vinho, acima de tudo, era identificado com o sangue de Jesus Cristo, este o redentor da humanidade, aquele um elemento que, sem moderação, poderia desestruturá-la.

III. TIPOLOGIAS FEMININAS

III.1 *Femina*

Provérbio: **Femina quem superat, numquam vivit sine pena:**

Libertate caret, turpi constrictus habena.

Felices illi, quos non trahit illa cathena;

Heu, nisi mors faciat, non solvitur illa catena.

Tradução: Aquele, a quem a mulher domina, nunca vive sem sofrimento:

Carece de liberdade, amarrado com uma torpe brida.

Felizes aqueles, a quem aquela corrente não arrasta;

Ah! A não ser que a morte o faça, aquela corrente não se soltará.

A análise do provérbio acima traz desde seu primeiro vocábulo pontos para consideração da mais variada ordem. Partindo-se de um estudo etimológico do termo *femina*, temos a definição de que este significa originariamente “fêmea” em oposição a *mas*, “macho”, passando a significar por extensão, “mulher”. O caráter primeiro da animalidade da mulher, pois, está expresso através do termo que a denomina.

Como outro tópico para reflexão presente na parêmia, observa-se a nefasta dominação feminina sobre o homem. Este, sujeitando-se aos caprichos da mulher, terá como recompensa *pena*, “sofrimento”, palavra essa que apresenta a já conhecida monotongação do ditongo *oe* do latim clássico. Lê-se na segunda linha da parêmia em versos *caudati*, que o pagamento recebido pelo homem é a falta de liberdade, simbolizada pelo termo *habena*. Para tais homens, que preferiram submeter-se aos desígnios femininos, apenas a morte lhes resta como possibilidade de libertação de sua prisão. Nota-se aqui, nos terceiro e quarto versos, o uso da forma aspirada *cathena* – terceiro verso – alternando-se com a forma clássica sem o –h- *catena*.

Para tentarmos corroborar nosso ponto de vista sobre a origem eclesiástica de tal provérbio, citamos o verso terceiro, *Felices illi, quos non trahit illa cathena*, onde se pode ler nas entrelinhas uma mensagem que demanda o afastamento do homem dos perigos que advirão da mulher. Tolos seriam aqueles que nelas confiassem, pois como afirma outra parêmia, *Affirmant multi, custodia quod mulierum / Nil valeat; stulti nolunt perpendere verum*, “Muitos afirmam que a vigilância das mulheres / De nada vale; os tolos não querem reconhecer a verdade, o que leva a se entender a mulher como aliada natural do Mal e das forças demoníacas.

Uma parêmia em versos leoninos que reflete a ligação entre a *femina* e o *daemon* é *Urtica fetidum tergebat femina culum / Dicens hec verba: “puto, quod demon sit in herba”*, i.e., “A mulher esfregava o fétido cu com a urtiga / Dizendo estas palavras: “Imagino que o demônio esteja nesta planta”. Neste exemplo no qual a monotongação dos ditongos clássicos *ae* e *oe* se repete em *hec, demon* e *fetidum*, a figura feminina intenta chamar o demônio ao passar um galho de urtiga em seu ânus, o que a transforma em uma bruxa. Por isso, ao se aproximar de Satanás, ela se identifica como a sucessora de Eva, renegando os atos de Maria e sua própria fé, como afirmam Kramer e Sprenger, citados por Carlos Roberto Figueiredo Nogueira (1991, p.106), para propor a etimologia de *femina*:

Em consequência ela mostra que duvida e tem pouca fé na palavra de Deus. E tudo isso é indicado pela etimologia da palavra: pois *Femina* procede de *Fe* e *Minus*, uma vez que ela é sempre fraca para manter e preservar a fé. Portanto, uma mulher é por sua natureza mais rápida em hesitar em sua fé, e consequentemente mais rápida em abjurar a fé, que é a causa da bruxaria.

III.2 Meretrix

Provérbio: **Cum sis vir fortis, ne des tua munera scortis!**

Scribitur in portis: meretrix est ianua mortis.

Tradução: Embora tu sejas um homem forte, não dêes teus benefícios às prostitutas!

Está escrito nos portões: a prostituta é a entrada da morte.

“*Janua Diaboli* – o portão por onde entrava o Diabo – era o epíteto patrístico para a mulher, herdeira direta de Eva, “a mulher é toda útero” (NOGUEIRA: 1991, 104). Se, como analisamos em 7.4.1, a *femina* naturalmente tendia para o afastamento de Deus, a

prostituta exerceria consciente e deliberadamente seu mister, o que a tornava aos olhos dos vetustos cônegos medievais uma abominável criatura.

Desde a Antiguidade greco-romana, a figura da prostituta apresenta-se marcada pelo vezo negativo associado ao trabalho com o corpo em troca de remuneração pecuniária. Em Roma encontramos *lupa*, literalmente “loba”, em Cícero com a acepção de “prostituta” (FARIA, 1955, p. 529), dela derivando em português a forma “lupanar” com o sentido de bordel. Há ainda o termo *scortum*, *-i*, “meretriz”, preso ao verbo *scortari*, “freqüentar os prostíbulos, ser devasso, libertino” e ainda a forma *meretrix*, *-icis*.

No texto bíblico, faz-se remissão à fornicação como prostituição, dentre outros exemplos, em Ezequiel 16.20 e 16.29. Em Oseias 1,2, o Senhor fala ao filho de Beerí: “Vai, toma por mulher uma prostituta e tem filhos que te nasçam duma mulher que foi prostituta, porque a terra (*de Israel*) não cessa de se prostituir, abandonando o Senhor”. Alude-se ao termo “prostituta” pela primeira vez em Gênesis 34,31 e em Josué 6.17. No primeiro livro dos Reis, capítulo 16, versículos 16 a 28 é narrada a exemplar sentença do rei Salomão sobre o destino do filho de uma de duas prostitutas, conhecidas como “publicanas” por oferecerem seus serviços ao público. Em Provérbios 7, 10 e ss., temos os conselhos do rei Salomão para que seu filho se afaste dos caminhos que conduzem à casa da prostituta, “caminho do inferno que penetra até às entranhas da morte”. Mais adiante, no capítulo 23, versículo 27, a meretriz é considerada uma “cova profunda”.

No provérbio acima, em versos *unisoni*, adverte-se o *vir*, o varão coroado pela *virtude* cristã, a não despender o fruto de seu trabalho com as prostitutas. Nos portões das cidades deveriam ser afixados escritos, avisando os prováveis clientes das meretrizes, que ao fazerem uso de seus serviços, estariam irremediavelmente condenados ao caminho da perdição e morte eternas, pois o sacrário representado pelo corpo humano, membro do corpo maior de Cristo, seria profanado por mãos, lábios e demais partes infectas e impuras do corpo da prostituta. Notam-se nesta parêmia os vocábulos *scortum* e *meretrix*, dois termos advindos do latim clássico, sendo o primeiro designativo tanto de prostituta quanto de homem prostituído, já que sua forma no nominativo singular é neutra, *scortum*, *-i*.

III.3 Mulier

Provérbio: **Nec hodie nec heri nec cras credas mulieri!**

Tradução: Nem hoje, nem ontem, nem amanhã creias em uma mulher!

Seguindo a caracterização pejorativa vinculada ao sexo feminino, as parêmias rimadas com o vocábulo *mulier* espelham o estado pecaminoso de sua condição natural, fator de desagregação moral e social.

No que tange à *femina* e à *meretrix*, observa-se a inata propensão ao mal da figura feminina. Genericamente podem ser arrolados mais qualificativos nada lisonjeiros sobre a *mulier*. Remontando-nos a São Tomás de Aquino, citado por Carlos Roberto Figueiredo Nogueira (1991, p.105), podemos sumarizar através de suas palavras a ideia de imperfeição do ser feminino e a preponderância natural do homem:

No fenômeno da geração, é o homem que desempenha um papel positivo, sua parceira é apenas um receptáculo. Verdadeiramente, não existe mais que um sexo, o masculino. A fêmea é um macho diferente. Não é então surpreendente que este débil ser, marcada pela *imbecilias* de sua natureza, a mulher, ceda às tentações do tentador, devendo ficar sob tutela.

Definições de tal ordem sobre a mulher procuravam, na verdade, encobrir um discurso patriarcal, que utiliza os textos bíblicos para justificar seu papel de ascendência e de superioridade no manejo e controle das coisas terrenas e celestes. Eva, a grande inimiga dos homens, deveria ter sua liberdade de movimentação restringida, senão completamente eliminada.

Tal parêmia em verso leonino traduz em sua mensagem a falsidade daquilo que é afirmado pela mulher. Na Baixa Idade Média, onde empenhar a palavra significava praticamente assinar com o próprio corpo e mente a afirmação ora dada, volta-se aos tempos pretéritos, vive-se a contemporaneidade da época e lançam-se os olhos ao futuro para que se corrobore aquilo que a tradição experiencial já justificara, ou seja, que as palavras da mulher, ao contrário do verbo bíblico, não podem ser postas em prática, caso contrário, ocorrerão efeitos extremamente perniciosos à moral dos filhos de Deus. O ato de *credere*, “crer, acreditar em”, portanto, deve ser, segundo nosso ponto de vista, destinado ao Altíssimo, na invocação do “Creio em Deus Pai Todo Poderoso, Criador do céu e da terra”.

III.4 Uxor

Provérbio: **Uxori temere noli mandare secretum!**

Vix in corde suo tenet illa luce quietum.

Tradução: Não queiras irrefletidamente contar um segredo à esposa!

Difícilmente ela o guarda quieto por um dia em seu coração.

Talvez uma das poucas possibilidades de ascensão social da mulher, o casamento na Baixa Idade Média constituía-se, a princípio, em um dos mais importantes sacramentos dentro do cristianismo. Todavia, sua instituição nem sempre granjeava simpatia dentro do meio católico.

São Paulo advertira na primeira epístola aos Coríntios, capítulo 7, versículos 25 a 36, que melhor seria manter um celibato virtuoso do que contrair núpcias, pois “o que está casado, está cuidando das coisas que são do mundo, como há de dar gosto a sua mulher; e está dividido”.

Como continuação da visão paulina sobre o matrimônio, os Pais da Igreja, entre os séculos II e VII, acrescentaram outros empecilhos, sintetizados pelas palavras de Joyce E. Salisbury (1995, p.29):

O casamento invocava imagens negativas; os Pais avisavam das provações do casamento para as mulheres: cuidar de crianças, dar ordem à casa e agradar o marido. Vendo o pecado original como sexual, esses pensadores viam no casamento sobretudo suas consequências sexuais, o fato de o indivíduo perder o controle sobre seu próprio corpo. O casamento não só atrelava homens e mulheres, mas atrelava-os de modo sexual, em um laço carnal que amarrava os dois corpos ao mundo da carne.

Mais tarde, com a visão agustiniana o eixo do matrimônio desloca-se da fruição do corpo humano para a realização da vontade divina. Joyce E. Salisbury (1995, p.79) assim sumariza o tema:

O casamento fornecia a estrutura para o sexo virtuoso fora do Paraíso. Agostinho acreditava que o matrimônio foi instituído por Deus para satisfazer a necessidade humana de companhia. Ele via o vínculo entre o homem e sua esposa como “o primeiro laço natural na sociedade humana”, institucionalizando a companhia natural entre os dois sexos. A instituição do casamento, natural e divinamente ordenada, trazia três benefícios específicos ao casal: procriação, fidelidade e sacramento.

Com a implantação e afirmação, mormente a partir do século IX, do feudalismo e do contrato de vassalagem, o matrimônio - do latim *matrimonium*, onde é perceptível o radical *matri* - do substantivo feminino *mater*, “mãe” - é praticamente transformado em fato principal de ordem social. Em terras germânicas, em médio-alto-alemão, o vocábulo *hochgezît*, alemão moderno *Hochzeit*, simbolizava no século XII, “uma grande festividade, eclesiástica ou não”, passando, por extensão semântica, a designar casamento (LEXER: 1979,91). Aurelio González (1991:32) descreve a mudança operada a partir do século XIII na concepção do enlace matrimonial:

A doutrina da Igreja sobre o matrimônio se estabelece realmente até o século XIII, porém na maior parte das ocasiões a moral cristã ficará a serviço da sociedade, para a qual o matrimônio, mais que um sacramento, é um contrato de interesse e portanto mutável como muda o interesse.

Situando a questão matrimonial no âmbito dos latifúndios e da posse de terras, H. R. Loyn (1991, p. 265-266) escreve:

Na nobreza, o casamento era um fator crítico na transmissão de terra e de feudos, e era combinado pelas famílias com grande cuidado, quase sempre com escassa consideração pelas preferências das duas pessoas mais diretamente envolvidas, uma das quais poderia ser ainda criança, quando não ambas.

Em língua portuguesa existe a expressão proverbial *Quem casa, quer casa*. Na parêmia latina rimada em verso leonino, o resultado do matrimônio, especialmente no que concerne aos homens, é outro: *Qui capit uxorem, litem capit atque dolorem*, “Quem toma uma esposa, recebe discussão e dor”. O resultado do matrimônio para o homem evidencia-se negativo, na medida em que, ao se casar com a intenção de constituir uma família temente e obediente a Deus, encontrará na mulher uma fonte primária de problemas e de dores e não aquilo que os apóstolos Paulo e Timóteo na epístola aos Colossenses 3, 18 caracterizam como o papel da esposa, perfeitamente enquadrado dentro da ótica medieval eclesiástica de dominação masculina: “Mulheres, estais sujeitas a vossos maridos, como convém, no Senhor”.

III.5 Virgo-Mater

Provérbio 1: **Virgo matura, nisi nubat, erit peritura.**

Tradução: Uma virgem madura, a não ser que se case, irá perder-se.

Poucas são as ocorrências paremiológicas, nas quais ainda se consegue vislumbrar uma certa avaliação, se não favorável, pelo menos mais neutra da mulher. O provérbio em verso leonino com as rimas em *-ura (matura – peritura)* traz à cena a virgem, a moça ou mulher que ainda não tenha tido intercurso carnal com um homem. Motivo de alegria para o apóstolo Paulo, que na já anteriormente mencionada primeira epístola aos Coríntios, capítulo 7, versículos 28, 34 e 37, recomenda a manutenção da virgindade como meio para se evitar a fornicção e os apelos da carne, que desnor-teariam o homem do seu fim espiritual de encontro com o Salvador.

Não obstante, o relacionamento sexual entre homem e mulher deveria conduzir ambos, preferencialmente, ao casamento. Para a virgem, este seria o único caminho a trilhar, para que a sua condição de mulher, já naturalmente maculada por ser descendente da mãe dos pecadores, Eva, não fosse definitivamente aviltada e, em consequência disso, ser segregada do seio da sociedade cristã.

Com esta acepção entende-se o provérbio 1, em verso leonino. A *virgo matura* simboliza a mulher já consciente do poder que seu corpo exerce sobre os homens fracos. O adjetivo *matura* remete o leitor/ouvinte da parêmia ao fato de que a jovem já atingira seu pleno desenvolvimento físico, estando apta, portanto para assumir agora suas atribuições morais de *uxor*. Caso, pelo contrário, prefira não contrair núpcias, *nubere*, sua tendência originariamente propensa às coisas da carne a levaria a se perder, *peritura*, a ser condenada inapelavelmente pelos homens de Deus ao suplício eterno.

Provérbio 2: Esto pius vere super hiis, qui te genuere,

Nec moveas matrem nec vis offendere patrem.

Tradução: Sê verdadeiramente piedoso com aqueles que te geraram,
Nem encolerizes tua mãe, nem queiras ofender teu pai.

A Virgem Maria é a mãe do Menino Jesus, mais tarde, o Crucificado, *Christus*. Como mãe do filho de Deus, a ela são devidas todas as honrarias por parte dos mortais seres humanos. Ao pai como cabeça da família e à mãe como geradora, a tradição de respeito aos pais, termo masculino tirado de *patres*, “pais”, pode ser constatada, no que concerne ao cristianismo, e remonta ao Velho Testamento.

Dentre os vários testemunhos sobre os pais, lê-se, por exemplo, em Êxodo 20, 12: “Honra teu pai e tua mãe, a fim de que tenhas uma vida dilatada sobre a terra que o Senhor teu Deus te dará”. Em Deuteronômio 5, 16 a mensagem é a seguinte: “Honra teu pai e tua mãe, como te mandou o Senhor teu Deus, para viveres longo tempo, e para seres bem sucedido na terra que o Senhor teu Deus está para te dar”. No Livro dos Provérbios 6, 20 e 23, 22 está escrito: “Observa, meu filho, os preceitos de teu pai, / e não abandones a lei de tua mãe” e “Ouve o teu pai, que te gerou, / e não desprezes tua mãe, quando for velha”.

No Novo Testamento encontramos em Mateus 15,4 e 19, 19: “Honra teu pai e tua mãe” e “O que amaldiçoar seu pai ou sua mãe seja punido de morte” e “Honra teu pai e

tua mãe, e ama o teu próximo como a ti mesmo”. A mesma mensagem, quase com as mesmas palavras, é expressa em Marcos 7, 10, Lucas 18,20 e Efésios 6,2.

A mãe, portanto, nos textos bíblicos, está sempre ao lado do pai. A figura paterna dominante, inclusive na ordem de apresentação dos genitores nas Sagradas Escrituras, ganha realce e tem confirmada sua precedência. À mãe cabe reconhecer seu lugar, como coube quando era filha e jovem. Georges Duby (1995, p.122) elocubra mais a respeito:

Existe um espaço fechado reservado às mulheres, estritamente controlado pelo poder masculino. Do mesmo modo, o tempo das mulheres é regido pelos homens, que lhes designam ao longo da vida três estados sucessivos: filhas, necessariamente virgens; esposas, necessariamente submissas a seu amplexo, pois a função delas é pôr no mundo seus herdeiros; viúvas, necessariamente votadas à continência. Em qualquer um dos casos, subordinada ao homem, em conformidade com as hierarquias que, segundo o plano divino, constituem o conjunto de membros da criação.

Assim, no provérbio em dístico, com versos leoninos, o exercício relembra ao clérigo estudante o dever moral de respeitar sempre as figuras materna e paterna, conforme o que ensinam as passagens bíblicas. A própria noção da piedade cristã funde-se com o comportamento de um nobre romano e está presente em *pius*, “piedoso, que cumpre os seus deveres para com os deuses, para com os pais, etc....;” (FARIA:1955,694). A preposição *super* com regência de ablativo, “a respeito de” também marca o conhecimento do *sermo litterarius* de Roma. Respeitada pelo filho se submissa ao pai, a *mater* medieval, em sua grande maioria, passava sua vida na obscuridade do lar, temendo a Deus, obedecendo a seu esposo, criando seus filhos e morrendo piedosamente.

IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com as apreciações acima sobre a *mater* fecha-se o círculo paremiológico rimado no *corpus* de Jakob Werner no tocante à figura feminina. Sob *feminae*, *meretrices*, *mulieres*, *uxores*, *virgines* e *matres* estão incluídas nas parênticas as funções mais importantes desempenhadas pela mulher na Baixa Idade Média, especialmente nas terras germanófonas cobertas pelos manuscritos. Geralmente apresentando traços de misoginia, os provérbios retratavam as mulheres como condenadas à morte eterna pelo fogo pecaminoso oriundo de Eva e, por mais que exercessem o papel de mãe, sua natureza corrompida cingiria para sempre o seu ser. Apenas Maria, a imaculada mãe de

Deus, a virgem e a mãe, mulher que acompanha e obedece a seu esposo, salvam-se dentro dos provérbios escolares. Todavia, uma única parêmia, em versos *unisoni*, atesta a importância da mulher dentro do sistema social e parece criticar as assertivas condenatórias dos *magistri* eclesiásticos. Em um discurso marginal para a tradição paremiológica da época, inverte o valor do *litteratus*, o clérigo intelectual, chamando-o de *rusticus*, o camponês inculto, sendo a voz solitária de defesa da mulher dentro do cabedal de exemplos negativos a elas associados: *Rusticus est vere, qui turpia de muliere / Dicit; nam vere sumus omnes de muliere*, isto é, “É verdadeiramente ignorante aquele que diz coisas torpes da mulher; / Com efeito, todos nós somos dela oriundos”. Composto por um homem, esta parêmia isolada soa como gratidão pela própria existência, que a ela se deve. Reconhecia-se, enfim, por mais restrito que fosse o sentido, o valor da *mulier*, cujo valor decorre, porém, de sua natureza física, de sua fertilidade!

V. Referências

ALBUQUERQUE, Maria Helena Trench de. **Um exame pragmático do uso de enunciados proverbiais nas interações verbais correntes**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1989. Dissertação de Mestrado da Área de Filologia Românica.

BÍBLIA SAGRADA. Tradução do Pe. Matos Soares. São Paulo: Paulinas, 1989.

BISCHOFF, B. *et alii*. **Carmina Burana**. München: Deutscher Taschenbuch Verlag, 1979.

BLOCH, R. Howard. **Misoginia medieval**. Tradução de Claudia Moraes. São Paulo: Editora 34, 1995.

BRAGANÇA JÚNIOR, Álvaro Alfredo. **A fraseologia medieval latina como reflexo de uma sociedade**. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2012.

BRAGANÇA JÚNIOR, Álvaro Alfredo. Tipologias femininas e alguns traços de misoginia em provérbios sobre a mulher na Idade Média Latina. In: ALVES, Gracilda *et alii*. **A História que ensinamos e o ensino de História**. Rio de Janeiro: Autografia, 2015. p. 228-245.

COMMELIN, P. **Nova mythologia grega e romana**. Rio de Janeiro, Paris: H. Garnier, 1906.

DUBY, Georges. **Heloísa, Isolda e outras damas no século XII**. Tradução de Paulo Neves: São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. **Idade Média, idade dos homens**. Do amor e outros ensaios. Tradução de Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

FARIA, Ernesto. **Dicionário escolar latino-português**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Departamento Nacional de Educação, 1955.

- FRANGIOTTI, Roque. **História da teologia** – período medieval. São Paulo: Paulinas, 1992. Coleção Patrologia. Vol.2.
- GONZÁLEZ, Aurelio. De amor y matrimonio en la Europa medieval. Aproximaciones al amor cortés In: COMPANY, Concepción Company. (Edit.) **Amor y cultura en la Edad Media**. México: Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Filológicas, 1991. p.:29-42.
- HABEL, Edwin & GRÖBEL, Friedrich. **Mittellateinisches Glossar**. 2. Aufl.. Paderborn; München; Wien; Zürich: Schöningh, 1989.
- JASON, Heda. Proverbs in society: the problem of meaning and function. In: **Proverbium** - Bulletin d'Information sur les Recherches Parémiologiques. Helsinki: Suomalaisen Kirjallisuuden Seura, 1971. V.17, p. 617-623.
- LE GOFF, Jacques. **Os intelectuais na Idade Média**. Tradução de Margarida Sérvulo Correia. 2. ed.. Lisboa: Gradiva, /s.d./.
- LEXER, Matthias. **Mittelhochdeutsches Taschenwörterbuch**. 35. Auflage. Stuttgart: S. Hirzel Verlag, 1979.
- LOYN, H. R. (Org.) **Dicionário da Idade Média**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.
- NOGUEIRA, Carlos Roberto Figueiredo. **Bruxaria e história. As práticas mágicas no Ocidente cristão**. São Paulo: Ática, 1991.
- OBELKEVICH, James. Proverbs and social history. In: **Wise words**. Essays on the proverb. Edited by Wolfgang Mieder. New York, London: Garland Publishing, Inc., 1994. p. 211-252.
- RIBEIRO, Daniel Valle. **Igreja e estado na Idade Média**. Relações de poder. Belo Horizonte: Editora LÊ, 1995.
- ROSSIAUD, Jacques. **A prostituição na Idade Média**. Tradução de Cláudia Schilling. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- SALISBURY, Joyce E. **Pais da igreja, virgens independentes**. Tradução de Tânia Marques. São Paulo: Página Aberta, 1995.
- SIMON, Maria Lúcia Mexias. **Para uma estrutura proverbial nas línguas românicas**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 1989. Dissertação de Mestrado em Filologia Românica.
- TAYLOR, Archer. **The proverb and an index to 'The proverb' Bern**; Frankfurt am Main; New York: Lang, 1985.
- WERNER, Jakob. **Lateinische Sprichwörter und Sinnsprüche des Mittelalters**. Heidelberg: Carl Winter's Universitätsbuchhandlung, 1912.